

UMA TRAJETÓRIA SINUOSA
DO ÊXITO NA ABOLIÇÃO AO OSTRACISMO NA REPÚBLICA

Iram Rubem Pereira Brandão*

Resumo: José do Patrocínio, jornalista e líder abolicionista, lutou a favor das causas populares e por uma carreira política, na transição dos séculos XIX e XX, experimentando a glória na Abolição e o ostracismo na República.

Palavras-chaves: José do Patrocínio - imprensa - política

Abstracts: The notorious journalist and abolitionist leader, José do Patrocínio, fighting for popular aims and a political career, in the transition of XIX to XX centuries, experienced the glory in the abolition times and the ostracism at the republic.

Key-words: José do Patrocínio – press - politics

Em 30 de janeiro de 1905, numa casa humilde, morria José Carlos do Patrocínio, jornalista e tribuno negro que empolgara a campanha abolicionista, a resistência ao jacobinismo e ao autoritarismo dos primeiros governos republicanos. Seu enterro foi apoteótico. (SENA, 1983:307-9) Uma celebridade? Sem dúvida. Uma trajetória de sucesso? Nem tanto. Morria, escrevendo para jornais alheios, com algumas poucas moedas no bolso e muitas dívidas, o homem considerado um expoente da causa abolicionista, que ainda perseverara na luta política, mas sucumbira diante do esquecimento.

Filho de uma escrava e de um padre, seu senhor, Patrocínio, nasceu em Campos a 8 de outubro de 1854 e, após tentativas frustradas em sua cidade natal, decide vir para a Corte em 1868, onde após trilhar os caminhos de ascensão possíveis, marcados pelo clientelismo e pelo patronismo, acaba por graduar-se em Farmácia. Mas seu destino acabaria sendo o jornalismo, passando por diferentes folhas, até, em 1887, fundar a *Cidade do Rio*.

Chegara à Corte num período conturbado, quando num novo espaço público que se construía, ascendiam atores políticos urbanos com suas representações e práticas conflitantes, configurando um imaginário reformista, regenerador e civilizador, cujas palavras de ordem eram abolição, república e democracia. A Monarquia, antes um elemento cêntrico, tornava-se incapaz de disciplinar as forças centrífugas, inclusive porque as dissensões intra-elites já se colocavam publicamente.

Patrocínio une-se a uma elite intelectual que envolvia abolicionistas monarquistas liberais, como Joaquim Nabuco, André Rebouças e Taunay; mas também republicanos, que, como ele, haviam priorizado a abolição. Não se desejava acabar com a escravidão apenas por sua ilegitimidade ante as idéias morais, mas por suas conseqüências objetivas sobre a economia e

2

a política. (NABUCO,1883:4) A proposta ousada perseguia o que considerava a verdadeira redenção da nação brasileira, excedia a emancipação cidadã, propunha emancipar o país.

Ele fora um republicano exaltado, que, por diversas vezes, atacara ferinamente o Império e a dinastia. Mas, na defesa da primazia da Abolição sobre a República, passara a defender abertamente a continuidade da Monarquia, aderindo ao projeto de um terceiro Reinado.

Ao final, passa a Abolição radical sem indenização, mas o grande projeto social do abolicionismo de inclusão do liberto pela posse da terra resvalara nas traves dos interesses proprietários.

A partir daí, o Império seria confrontado com a crescente adesão ao republicanismo dessas classes proprietárias e a exacerbação da propaganda republicana, que conseguira associar-se aos sentimentos de democracia e progresso, explorando contradições da monarquia. Para enfrentá-la, seria necessária a adoção de estratégias também reformistas. Joaquim Nabuco, procurando atuar no cerne da discórdia, defende a descentralização sob o regime monárquico, uma *monarquia federativa* e, por extensão, democrática. Para ele, a república seria centralizadora, por definição. José do Patrocínio e Pardal Mallet, acompanhando a proposta ortodoxa do Apostolado Positivista, pregavam uma “*ditadura*”, que se faria com Isabel à frente.¹

A volta do Imperador, em agosto de 1888, esfriará o entusiasmo, e Patrocínio manifesta sua preocupação com o possível retorno das políticas dilatórias.² A queda, logo em seguida, do gabinete João Alfredo sinalizou para ele o fim das possibilidades. Reage, desfazendo-se das ligações políticas da campanha abolicionista. Acusa o Imperador de cupidez pelo poder e de ter frustrado os libertos³, e Isabel de deslealdade, por ter “*cruzado os braços*” diante da deposição do gabinete.⁴ Finalmente, por ocasião do aniversário da Revolução Francesa, publica um artigo explosivo em favor da República, que mobiliza o povo.⁵

¹ A “*ditadura republicana*” era a bandeira dos positivistas ortodoxos, proposta que promovera a dissensão entre eles e os republicanos do manifesto de 1870. Em outubro de 1888, Miguel Lemos e Teixeira Mendes, expressões da ortodoxia republicana, respondendo a um questionamento de Nabuco sobre suas posições em relação à debandada de quadros para o republicanismo após a Abolição, manifestaram que seria desejável o imperante estabelecer uma ditadura republicana, apoiada no povo, sem o parlamentarismo, livre da burguesia escravista.

² *Cidade do Rio*, 27/08/1888, “*Semana Política*” : Grifo meu

³ Idem, 17/06/1889, “*Semana Política*”

⁴ *Cidade do Rio*, 11/06/1889, “*Notícias de Isabel, a Redentora*” .

⁵ Idem, 13/07/1889, “*À Santa Revolução*”. Patrocínio publica junto com o artigo um retrato de Camille Desmoulin e a carta deste ao pai, onde conta as agruras da revolução.

3

Antes mesmo do advento da República, a evolução dos acontecimentos levava à dissolução do grupo abolicionista⁶. Aos poucos Rebouças e Nabuco saem da cena e passam a se dedicar à troca de correspondências pessoais ou à produção de artigos esparsos para a imprensa, nos quais, criticam os novos rumos, culpando o escravismo renitente e a especulação financeira, pelo advento da república. (SALLES, 2002:137-46) Um silêncio começa se fazer sobre esses líderes, sinalizando para o fim de uma era de êxito, a do abolicionismo radical da Corte e de suas propostas. É o ostracismo.

Patrocínio, contudo, permanecerá na luta para sobreviver ao alijamento, continua a perseguir seus ideais libertários e populares, criticando o gabinete Ouro Preto e fazendo do republicanismo o seu objetivo. No dia seguinte à Proclamação, para obter respaldo popular ao novo regime, promove na Câmara Municipal a assinatura de uma moção, que foi entregue aos líderes do movimento, e, com isso, se auto atribui a condição de *proclamador civil da República*.

Na realidade, uma república na qual jamais haveria um lugar para ele, apesar de seu entusiasmo na onda de adesismo que se seguiu à instalação do novo regime, chegando mesmo a compor com algumas medidas de exceção instituídas pela ditadura que se instalara.⁷ Mas, a despeito de todo o empenho, percebe sua marginalização. As figuras de destaque no novo regime são exatamente os seus algozes da campanha abolicionista, os quadros do partido Republicano da Corte, com os quais polemizava desde os anos 70, quando o republicanismo tergiversara com a questão abolicionista (BOEHERER, 265). Patrocínio, adversário implacável do partido Republicano, tornara-se apenas um desprestigiado inimigo do governo. Escreveu ele: “Era propósito meu deixar triunfar o silêncio sistemático feito derredor do meu nome. (...) Não reclamei quanto o esquecimento forçado a que meu nome foi condenado”.⁸ Mas se este fora um propósito inicial, com efeito, não o cumpriu. Ao contrário, partiu para o confronto.

À desrotinização e desorientação do novo regime (LESSA, 1996:66), seguiram-se intensas confrontações em que republicanos descontentes e restauradores se opuseram aos que

⁶ *Cidade do Rio*, 30/07/1888. “*Semana Política*”.As tentativas do governo em minimizar as perdas da lavoura, propondo um empréstimo a fundo perdido, defendida por José do Patrocínio, em julho de 1888, selara a discórdia. Rebouças comenta o fato em **IHGB DL 464 Arquivo Rebouças**

⁷ *Cidade do Rio*, 25/11/1889, “*Solidariedade*”. Critica o jornal *O País*, que denunciara algumas medidas tomadas pelo governo como restritivas à liberdade de imprensa. Entendia que agora caberia a ela um novo papel, “ [a espada] há de afiar-se dia a dia nos conselhos da imprensa, porque só esta pode impedir que ela se embote, tendo de cortar os abusos do regime decaído e de cavar alicerces para o regime novo ” .

⁸ *Cidade do Rio*, 14/12/1889, “*Algumas Palavras*”.

4

estavam no poder. Patrocínio se engaja na luta e seu jornal, *Cidade do Rio*, se torna um bastião, opinando sobre todas as questões políticas, sejam nacionais ou apenas municipais. Procurava preservar Deodoro, dirigindo o foco para o ministério, Rui, Quintino Bocaiúva e Aristides Lobo. Denunciava com veemência a política externa, de Quintino, e a financeira, de Rui.

Ao voltar da França, em 1892, onde permanecera quase dois anos, coloca-se em franca oposição ao governo de Floriano; participando inclusive, em 10 de abril, da caminhada, que tentou destituí-lo do poder. Preso, foi extraditado para Cacuí, no Amazonas. Na volta, permanece o mesmo crítico acerbo do jacobinismo.

No início do período Prudente de Moraes, motivado pelo desinteresse do governo em terminar com a guerra no sul e esclarecer as mortes atribuídas ao legalismo, ainda mantém as críticas. Mais tarde, ao reconhecer uma posição pacificadora no presidente, começa uma exaltação apaixonada, chegando a referir-se a ele como o *santo* varão e marcando seu governo como o verdadeiro início da República; o que viera antes era simplesmente uma ditadura.

Após as tentativas frustradas de eleição em 84, 90 e 93, lança nova candidatura em 1895. À época, escreve um artigo onde faz, pela primeira e única vez, uma defesa do socialismo, embora seja preciso considerar, conforme proposto por Gomes, que os socialistas naquele contexto eram apenas os que detinham a *palavra operária*, ou seja, os que “propunham em nível de discurso e de organização a participação política daqueles que trabalham” (GOMES, 1988:27). Ainda assim, não se elege.

No governo Campos Salles, opôs-se à política financeira do ministro Joaquim Murinho, polemizando com o próprio presidente, embora, mais tarde, viesse a apoiá-lo, renegando a oposição que lhe fizera.

Analisando-se os discursos que se fazem sobre Patrocínio, identifica-se uma coincidência, ele é marcado como um líder abolicionista, para o bem ou para o mal. Mas, ao mesmo tempo, este seria o seu limite. A memória que se construiu a respeito da personagem parece sinalizar um limite temporal.

Na palavra sobre ele, percebem-se dois momentos bem distintos, a polêmica durante sua fase de êxito, marcada simultaneamente por elogios candentes e também por críticas acerbas; e um certo ar reverencial, saudosista, inosso, durante seus últimos tempos, a que se junta uma memória de degradação, em grande parte centrada na representação da existência de uma conduta pessoal volúvel, que seria imanente à sua dissipação e prodigalidade. Esta

5

opinião pode ser encontrada em Coaracy⁹, Lúcio de Mendonça, Rui¹⁰, Carlos de Laet¹¹ e Edmundo Bittencourt¹². O abolicionismo funcionaria como um fiador que lhe permite transitar entre o herói e o anti-herói.

A este trabalho interessa exatamente essa trajetória polêmica, que experimentou o êxito durante a campanha abolicionista, mas que passada a glória viu-se envolta progressivamente no esquecimento. Ela vem sendo explicada, grosso modo, por uma naturalização, por um psicologismo, por uma daquelas marcas de continuidade. Seria uma personalidade contraditória. Sua cabeça vulcânica seria, portanto, a (ir)responsável pelas escolhas claudicantes, pela fluidez nas relações e pela volição inconsistente. Há, na explicação psicologizante, duas vertentes antagônicas, aquela que o idealiza e a outra que lhe atribui um caráter venal.

Mas é preciso ir além. Mais do que a sinuosidade da personagem, é necessário procurar as circunstâncias e estratégias envolvidas em sua atuação resistente e na opção por trocar a Matéria Médica pela *matéria política*¹³, vindo a tornar-se importante jornalista e tribuno, com marcada intervenção no cenário político da transição do século XIX para o XX, marcada por acentuados conflitos econômicos, sociais e políticos. Nele, concorriam discursos diversos, aparentemente confusos, produtores de estratégias, que se apoiavam em *repertórios*, ou seja, nas ferramentas intelectuais disponíveis, independente de possuírem ou não uma coerência interna, voltados à instrumentalizar a ação (SWINDLER, 1986:273-286). A finalidade era a persuasão, e em Patrocínio, a persuasão era um ministério, exercido pela palavra, pelo gesto ou pelo silêncio.

No contexto da transição, a presença do povo nos comícios abolicionistas e republicanos, gerando, inclusive, situações de enfrentamento pelas ruas, mostra uma evidente participação popular num espaço onde a questão *monarquia-república* obviamente também não poderia estar ausente. Se a discussão sobre República ficava restrita às camadas médias intelectualizadas e à classe política, a noção de “*res publica*” perpassava todo o cenário discursivo, onde novas representações se faziam e se colocavam no campo do político,

⁹ COARACY, Vivaldo. *Todos Contam sua Vida.: memórias de infância e adolescência.*.Rio de Janeiro: José Olympio, 1959, pp. 231-239

¹⁰ *A Imprensa*, 13/12/1898

¹¹ *Correio da Manhã*, 16/06/1901. “Verdades”.

¹² Apud :MAGALHÃES JR, Raymundo. *Op. Cit.*, p. 386.

¹³ Aquela época, a Farmacologia ainda era chamada de Matéria Médica.

6

espaço por excelência das discussões que se fazem na sociedade. (ROSANVALLON, 1995:16). A participação da imprensa avulta na construção desse novo espaço público.

Para Patrocínio, ela foi o seu ofício e o seu veículo de mediação. E, como não deixou uma obra doutrinária formal, os jornais são a fonte de eleição para levantar-se o discurso que ele fez de si próprio e de seu entorno, assim como a memória que se construiu a seu respeito.

O uso da imprensa como fonte, exige entendê-la não como uma memória isenta do acontecimento, mas como parte dele. Tratá-la como um ator político que, à semelhança dos demais, produz diferentes discursos sobre os fatos; discursos esses que encerram estratégias, que, por sua vez, mobilizam interesses e estabelecem possibilidades, na medida em que criam outros fatos e constroem novas realidades. É preciso desvendar a ordem desse discurso e sua origem, dialogar com a fonte, buscando as redes relacionais subjacentes.

Na transição Império-República, está surgindo uma imprensa profissionalizada, a *imprensa empresa*, na qual a notícia virá a ser a mercadoria, embora permanecessem, algumas práticas usuais no Império. São exemplos, o oficialismo, de que os periódicos se acusavam mutuamente - Campos Salles confessou publicamente que subsidiava jornais com verbas extraordinárias (CAMPOS SALES, 1983:178) ; a natureza política das folhas, que garantiam projeção e tribuna para os que postulavam a carreira política; e os laços de dependência com seus proprietários, patrocinadores ou patronos¹⁴ (LUCA,2005:132), que exigiam adaptações às redes de clientelagem e de patronato em que se inseriam.

Patrocínio é retratado como possuidor de um estilo jornalístico genial, combativo, cheio de estilo, porém, uma pena de aluguel a serviço de quem a remunerasse. (COARACY, 1959:312) A par dos exageros, mostrou-se um crítico mordaz e contundente. Usava da denúncia pertinaz, mas também da referência elogiosa e apaixonada, atuando com desembaraço na redação e nas ruas.

A *Cidade do Rio*, fundada por ele, em 1887, era marcada por um abolicionismo radical e uma opção republicana, de que se desviaria episodicamente em nome da Abolição, mas à qual retornaria em 1889, após a queda do gabinete João Alfredo, mantendo-a até seu encerramento em 1902. Combativa, foi fechada em duas circunstâncias, primeiro, por período curto, nos pródromos da revolta da Armada, sob alegação de ter publicado matéria interdita, e durante a

¹⁴ A autora advoga essa idéia de que os jornais do final do século XIX representavam a voz de seus donos, que investiam pesadamente para poder dispor de um instrumento de debate. Também para Luiz Gutemberg, tratando já do período republicano, "o *Correio da Manhã* era a voz do dono, o ímpeto do dono, ele é quem mandava e suas opiniões é que faziam a verdade do *Correio* e a marca de suas causas.". Programa Observatório da Imprensa, Rádio MEC AM e FM, 4 de novembro de 2003.

7

evolução dos acontecimentos, quando publicou o manifesto dos revoltosos da Armada. Desta vez, só reabriu em 1895. Ainda nesse ano, quando da morte de Floriano, foi apedrejada por jacobinos, sob a acusação de ter-se omitido das comemorações.¹⁵

Em 1890 se dizia “republicana insubordinada” e , em 1893, se assumiria “republicana e conservadora”, não tendo ligação com qualquer grupo ou partido e vivendo dos ingressos do público e dos recursos de seus proprietários.¹⁶

Durante a revolução Federalista, foi ambivalente. Ao mesmo tempo em que fazia um discurso conciliador, empenhava-se em divulgar os feitos dos revolucionários e negar qualquer insinuação de uma motivação restauradora no movimento. Não descuidava de fazer oposição ferrenha a Floriano e a Júlio de Castilhos.

Os anos que se seguiram, de maior estabilidade política, foram progressivamente esvaziando as possibilidades combativas da folha. Apesar disso, permaneceram polêmicas exaltadas com Rui Barbosa, Campos Salles e Joaquim Murinho. Mas também é um tempo de progressiva degradação financeira do jornal, que acabou por fechar em 1902. A folha não resistiu ao desregramento de Patrocínio, que agora se envolvia totalmente com seu sonho de construir um dirigível, o Santa Cruz, que jamais voou, mas conseguiu dilapidar-lhe os últimos recursos. Três anos depois, vivendo de alguns artigos escritos para jornais alheios, o jornalista negro morre em meio à escrita de uma matéria, uma hemoptise incoercível interrompe-o em seu ofício, aquele que o fizera conhecer a glória e o ostracismo.

CONCLUSÃO

Ao tratar da confecção de biografias, Levy critica a tentativa de impor-se ao biografado uma racionalidade limitante, “contentamo-nos com modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incerteza” (LEVY, 1989:169). E Bourdieu, ao falar da “ilusão biográfica”, mostra a necessidade de que o historiador contraponha a essa personagem previsível, o “sujeito fracionado, múltiplo” do cotidiano. É exatamente esse indivíduo que cria, na metodologia da construção biográfica, uma falta de linearidade aparentemente desconcertante (BOURDIEU. Apud SCHIMDT, 1997:17). Michel Foucault desenvolveu a noção de subjetivação, mudanças articuladas ao tempo e ao corpo, este tomado não apenas em seu aspecto orgânico, mas construído pelas relações com as coisas que encontra durante a existência (CARDOSO JR, 2005:343-49)

¹⁵ *Cidade do Rio*, 30/06/1895.

¹⁶ *Cidade do Rio*, 25/03/1893. “Explicação”

8

Existe, pois, uma descontinuidade na construção dos indivíduos, um processo balizado por circunstâncias históricas. Patrocínio, como visto, fez uma trajetória sinuosa, que vem sendo olhada como errática e inconstante, explicada por determinismos psicológicos, mas que pode ser explicada exatamente como instâncias de resistência nas relações com seu entorno, revelando estratégias para a consecução de uma trajetória política, conforme atestam suas diversas e frustradas candidaturas, a sua obstinação na luta, apesar dos reveses, contra as oligarquias e a especulação financeira e a favor do acesso das camadas subalternas ao voto. Finalmente, sua coerência na perseguição de um reformismo liberal apoiado no estado.

Intelectual, mesmo ausente do panteão, pertencente à nova geração de bacharéis científicos, além dos discursos e da palavra nos jornais, legou-nos uma obra poética razoável, além de três novelas, das quais duas repercutiram, *Mota Coqueiro* e *os Retirantes*. Embora criticado como escritor, aqui não interessa a grandeza de sua arte, mas o fato de ter-se ombreado com os demais de sua geração, participando de uma cultura política reformadora. Sua erudição estava a serviço de sua *praxis*, tendo participado ativamente na criação e na mediação das idéias políticas de sua geração (WINOCK, 2003:279) (SIRINELLI, 2003:242)

“(...) o público dito culto, assim como os eleitores sem-bagagem, são submetidos sem cessar aos discursos infra e meta-políticos e esse contato é muito maior do que seu acesso à obra dos teóricos.” (WINOCK, 2003:282)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOEHERER, George C.A. *Da Monarquia à República: história do partido Republicano do Brasil (1870-1889)*. Rio de Janeiro: MEC, s/d

CAMPOS SALLES, *Da Propaganda à Presidência*. Brasília: UnB, 1983

CARDOSO JR., Hélio Rebello. *Para que Serve uma Subjetividade? Foucault, Tempo e Corpo*. In: *Psicologia, Reflexão e Crítica*. Campinas, 18 (3), 2005

COARACY, Vivaldo. *Todos Contam sua Vida: memórias de infância e adolescência*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959

GOMES, Ângela Maria de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. São Paulo: Vértice, Rio de Janeiro: IUPERJ, 1988

LESSA, Renato. *A Invenção Republicana: Campos Salles, as bases e a decadência da primeira república brasileira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999

- LEVI**, Giovanni. *Usos da Biografia*. In: **AMADO**, Janaina & **FERREIRA**, Marieta de Moraes (org). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro:FGV, 1998
- LUCA**, Tânia Regina de. *Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos*. In: **PINSKY**, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005
- MAGALHÃES JR**, Raimundo. *A Vida Turbulenta de José do Patrocínio*. São Paulo: LISA; Rio de Janeiro: INL, 1972
- NABUCO**, Joaquim. *O Abolicionista*. Londres: Typographia de Abraham Kingdom e Cia, 1883
- ROSANVALLON**, Pierre. *Por uma História Conceitual do Político*. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v.15, n.30, 1995, p.16
- SALLES**, Ricardo. *Joaquim Nabuco: Um Pensador do Império*. Rio de Janeiro: Top Books, 2002
- SENN**A, Ernesto. *Rascunhos e Perfis*. Brasília: UnB, 1983 (Coleção Temas Brasileiros, n.49)
- SIRINELLI**, Jean-François. *Os Intelectuais*. In: **RÉMOND**, René (org) *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003
- SWINDLER**, Ann. *Culture in Action: symbols and strategies*. In: American Sociological Review, 1986, vol. 51, abril, 273-286.
- WINOCK**, Michel. *As Idéias Políticas*. In: **RÉMOND**, René (org). *Op.Cit.*